



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA  
DIRETÓRIO ACADÊMICO DE BIBLIOTECONOMIA  
**XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da  
Informação e Gestão da informação**  
Os novos campos da profissão da informação na contemporaneidade  
16 a 22 de janeiro de 2011

## MANUSCRITOS:

Como suporte histórico dos registros do conhecimento, da escrita à encadernação.<sup>1</sup>

Hoton Esteves Matias\*  
Joana D' Arc de Lima\*  
Patrícia Lafayette Góis\*

### RESUMO

A escrita representa o armazenamento de informações, permitindo a comunicação através do tempo e do espaço. A sua difusão está relacionada, essencialmente, à evolução da memória. Devido à crescente preocupação do homem em assegurar a disseminação e a preservação do conhecimento através dos tempos, a escrita se tornou a mola propulsora de transformações e mudanças na sociedade. No entanto, a importância da escrita nos manuscritos vem da sua contribuição da interpretação do conhecimento cultural, uma vez que a escrita pressupõe a existência da linguagem falada, já que esta é a representação gráfica e material do pensamento. A necessidade de registrar os acontecimentos surgiu com o homem primitivo no tempo das cavernas, quando este começou a gravar imagens nas paredes; durante milhares de anos, os homens sentiram a necessidade de registrar as informações e construíram progressivamente sistemas de representação que foram sendo aprimorados ao longo dos tempos. Desenvolvida também para guardar os registros de transações comerciais, a escrita tornou-se um instrumento de valor imensurável para a difusão de ideias e informações. Examina seu processo de manufatura, mostrando materiais e instrumentos utilizados, assim como as práticas de trabalho dos *scriptoriums* e oficinas medievais. Descreve a estrutura textual e imagética dos manuscritos, incluindo exemplos de imagens comumente associadas aos textos, sendo estes de suma importância para os iletrados. Com a apresentação deste trabalho objetivamos apontar as origens, os tipos e evolução dos manuscritos da época conhecida como Medieval, bem como uma pesquisa atualizada sobre literatura e tipologia da escrita na Idade Média.

**Palavras-chaves:** Escrita. Memória. Livro. Manuscrito. Preservação do conhecimento. Encadernação.

---

<sup>1</sup> Comunicação - oral apresentada ao GT1 – História e memória da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

\* Aluno de Graduação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, estagiário do SENAI do Cabo de Santo Agostinho hotonesteves@hotmail.com

\* Aluna de Graduação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, estagiária do SESI de Pernambuco joanalima.da@gmail.com

\* Aluna de Graduação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, estagiária da Faculdade Damas lafayette.da@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita representa o armazenamento de informações, permitindo a comunicação através do tempo e do espaço. A sua difusão está relacionada, essencialmente, à evolução da memória. Durante a Idade Média, por exemplo, o livro era praticamente uma exclusividade da Igreja; todas as grandes abadias possuíam um *scriptorium*, onde eram confeccionados os manuscritos, desde a preparação do pergaminho até as ilustrações, que tinham fundamental importância, tanto como elemento decorativo como para representar graficamente os textos.

A cópia de manuscritos, nos mosteiros da Idade Média, estava incluída entre os principais deveres dos monges, pois era considerado um exercício espiritual, utilizado para aprimorar suas virtudes e realçar seus merecimentos sobrenaturais. Dentre as atividades e, porque não dizer, as características artísticas dos manuscritos, sobretudo na Idade Média, estão a iluminura e a miniatura, que são tipos de ornamentação de textos.

A primeira representa uma técnica de ilustração comumente presente nos manuscritos medievais e a segunda é uma ferramenta de decoração; um manuscrito iluminado era decorado com ouro ou prata; já a miniatura era uma técnica mais restrita, em que determinadas letras, como as iniciais capitais – grandes letras iniciais de capítulo ou secção – eram decoradas por ornamentos simples e letras de fantasia.

Quanto à prática de encadernar livros com o objetivo de garantir a preservação dos documentos, observa-se que esta foi uma decorrência natural da passagem do rolo para o códice, formato documental desenvolvido e divulgado sob o Império Romano a partir do século I. Contudo, ao traçarmos uma linha cronológica e seqüencial dos fatos e, por conseguinte, da evolução das técnicas de cópia, elaboração e conservação dos manuscritos, observamos o quão tais atividades contribuíram – e contribuem até os dias de hoje – para a evolução da escrita e da preservação das informações documentais.

## 2 TIPOS DE ILUSTRAÇÃO: iluminura e miniatura

A era pós-Gutenberg trouxe consigo, para além do primado do texto escrito sobre o imagético, uma certa rigidez mecânica da mancha do texto impresso onde a liberdade criativa dos antigos documentos manuscritos se foi perdendo e onde nos habituamos a equacionar as questões tipográficas de corpo, espaçamento, condensação e entrelinhamento com as de legibilidade.

Existem dois tipos de ilustrações que são de suma importância para os documentos históricos, a Iluminura e a Miniatura. Elas podem ajudar os pesquisadores e estudiosos a buscar uma compreensão mais aprofundada e obter uma análise sintética do que se passava em um determinado tempo e espaço. É com essa visão que a iluminação de livros, impulsionada pelos *scriptoria* monásticos, foi uma das formas artísticas mais importantes até ao século XVI.

A iluminura e a miniatura são tipos de ornamentação, onde a primeira representa uma técnica de ilustração comumente presente nos manuscritos medievais e a segunda é uma ferramenta de decoração; um manuscrito iluminado era decorado com ouro ou prata, já a miniatura era uma técnica mais restrita, em que determinadas letras, como as iniciais capitais – grandes letras iniciais de capítulo ou secção – eram decoradas por ornamentos simples e letras de fantasia. No Oriente deve ser procurada a origem destas técnicas artísticas bem como dos manuscritos em si. Conforme lembra Fraenkel (2004), embora ciências como a história tenham desenvolvido disciplinas inteiramente voltadas para o suporte como objeto de estudo (é o caso da epigrafia, a papirologia, a codicologia e a paleografia), as ciências da linguagem paradoxalmente têm quase completamente ignorado o papel do suporte na comunicação escrita e os seus diversos tipos de ilustração.

## **2.1 A Iluminura dos manuscritos**

Segundo Walther e Wolf (2005), iluminuras são imagens pintadas nos manuscritos medievais entre aproximadamente 400 d.C. e 1600 d.C que oferecem suporte imagético complementar (ou decorativo) a textos religiosos ou seculares. O termo iluminura surge da utilização de metais preciosos (ouro e prata) para iluminar as páginas dos manuscritos.

Durante o período bizantino (395-1453), a iluminura alcançou a categoria de verdadeira arte; floresceu na Europa durante a Renascença. A invenção da imprensa deu outro enfoque à produção e ilustração de livros, ficando a iluminura relegada à categoria de arte menor, de aplicação limitada, principalmente a bibliófilos e entusiásticos dessa arte. Como a iluminura ocupou um lugar tão importante no desenvolvimento histórico e artístico do livro, merece uma breve exposição.

Segundo Camille (1988), muitas iluminuras são vinculadas ao texto como imagens decorativas ou narrativas nas iniciais (chamadas de capitulares) que marcam partes dos textos. Para entender sobre a capitular historiada e sua função na leitura na Idade Média.

O artista iluminador preparava, ele mesmo, tudo de que se necessitava em suas pinturas, empregando terras coloridas e outras substâncias pulverizadas, que misturava com água e goma; este processo explica por que as cores aderiam ao pergaminho.

A cor vermelha, que se havia utilizado desde a antigüidade, na decoração de toda classe de escritos, compartilhou as honras com o azul claro. Desde o século XII, as miniaturas eram feitas, em sua grande maioria, apenas nessas duas cores. Pouco a pouco, foram-se acrescentando outras, entre elas o amarelo, verde, negro e branco. O ouro e a prata eram empregados, especialmente, para a escrita de manuscritos de grande categoria; nesses casos, costumava-se dar ao pergaminho uma coloração púrpura, logrando-se um efeito de grande esplendor e riqueza.

Esta arte de pintar com mínio parece ter tido origem no Egito. Muito mais tarde, passou à Irlanda e à Inglaterra, onde teve um desenvolvimento extraordinário. Depois, por iniciativa dos missionários, chegou ao continente europeu. Ali, a iluminura alcançou a perfeição, com uma grande variedade de estilos, sobretudo na Alemanha, até se constituir numa arte à altura da habilidade artística alcançada, sob outros aspectos, pela produção do manuscrito.

## **2.2 As miniaturas dos manuscritos**

As miniaturas dos livros religiosos mostram marcante predileção pelos temas sagrados, mostram marcante predileção pelos temas sagrados, mas são, ao mesmo tempo, valiosas fontes de informação sobre trajes, mobiliário, edifícios, gavinhas, pássaros, peixes, serpentes e retratos de personagens da época; além disso há curiosas gárgulas e algumas figuras grotescas devidas à fértil imaginação do artista.

O tipo de iluminura mais comum era a letra maiúscula. Os primeiros textos, como é natural, eram muito simples. Adotou-se o costume de ampliar e colorir as letras iniciais, que, aumentadas logo consideravelmente, contribuíram para serem adotadas as primeiras margens. Também se ornamentaram as margens das primeiras páginas e outras partes importantes do texto assim como o uso intenso de cores. Mas não é somente nas miniaturas que identificamos a ocorrência de cores diversas, é interessante notar que “quase todo livro medieval, por mais modesto, inclui texto em mais de uma cor” (DE HAMEL, 2001, p. 13)

Segundo Pinheiro, (2008), a utilização de cores nos livros manuscritos medievais ultrapassa funções de caráter científico ou estético e alcança um sentido simbólico.

A distribuição das miniaturas em uma página variam muito de um lugar para outro da Europa, como também de acordo com a época. Em alguns casos, as iluminuras aparecem como se tivessem sido dispostas de forma arbitrária ou casual, enquanto que, em outros, guardam estreita relação com o texto; muitas aparecem como reproduções.

Há miniaturas que ocupam páginas inteiras, outras formam, na mesma obra, uma cadeia ou série, com notável sentido de continuidade temática. Algumas miniaturas se unem em uma espécie de faixa corrida, no códice, ocupando a parte superior ou inferior da página, encerrando, assim, o texto.

Alguns miniaturistas eram verdadeiros artistas, capazes de transformar os livros por eles ilustrados em minhas autênticas jóias. Devido à sua longa história e à enorme quantidade de artistas que desde a Irlanda até a Constantinopla, a cultivaram, o estudo da iluminura nos manuscritos pode ser dividido nas seguintes grandes épocas ou períodos.

Alguns exemplos datam do século IV a.C. Um dos mais antigos exemplos de iluminura é o Livro dos Mortos, uma espécie de “salvo-conduto” para acompanhar a alma em sua travessia pelo inferno. Consistia numa coleção de fórmulas mágicas, hinos e orações que, segundo os egípcios, ofereciam uma proteção ou defesa para a alma contra os demônios que habitavam as profundezas. Estes rolos de papiro, que chegavam ao comprimento de 15 a 30 metros, eram ilustrados com desenhos e cenas coloridas e eram colocados dentro ou ao lado do ataúde.

### **2.3 Períodos históricos da iluminura e da miniatura**

Foram conservados exemplos da arte bizantina de iluminura de manuscritos nas bibliotecas monásticas, particularmente nas do Monte Sinai e do Monte Atos. A maioria dos manuscritos bizantinos ilustrados com iluminuras encontra-se, agora, em coleções ocidentais, incluindo a Biblioteca Vaticana, em Roma, a Biblioteca Nacional de Paris e o Museu Britânico de Londres.

A ilustração de manuscritos com iluminuras também chegou à Rússia, onde, no século XI, se estabeleceu uma escola de miniaturas. Os trabalhos executados nesse país seguiam fielmente o estilo bizantino, sem que seja possível distinguir, em muitos casos, as contribuições introdutivas no original.

No Ocidente Cristão conservam-se no Vaticano belos exemplos da arte da iluminura praticada em todo o Ocidente. Entre eles, encontram-se dois manuscritos das obras do poeta latino Virgílio. Outro famoso manuscrito, assim ilustrado, chama-se *Codex Romanus*

e data do século V ou VI de nossa era. A Biblioteca Vaticana conserva também um calendário da vida dos santos, compilado durante o reinado do imperador Basílio II (976-1025). Durante o século XIII, foram preparados muitos saltérios, alguns por especial encomenda e pedido de São Luís, rei da França (1236-70), entre eles um belíssimo exemplar que se conserva na Biblioteca Nacional de Paris.

#### **2.4 A iluminura irlandesa e gótica**

Os trabalhos de iluminura provenientes dos mosteiros da Irlanda são tidos como exemplos de um dos fenômenos mais curiosos e importantes de toda a história da arte medieval, de um nível de perfeição estética que jamais se tornaria a repetir. O exemplo mais célebre dos trabalhos dos calígrafos irlandeses: o *Livro de Kells*, considerado por autoridades no assunto como o “manuscrito mais belo do mundo”. O texto reproduz e ilustra os Evangelhos; o precioso exemplar está guardado na Biblioteca do Trinity College, em Dublin, Irlanda; data do ano 7000 d.C., aproximadamente. No Museu Britânico, conserva-se outro belo exemplo da iluminura irlandesa, da mesma época que o anterior, o qual é conhecido pelo nome de *Os Evangelhos Lindisfarne*.

A idéia fundamental da ornamentação desenvolvida na França estabelecia uma estreita relação entre a iluminura e o texto correspondente. Do período gótico e especialmente dos séculos XIII e XIV, conservam-se notáveis saltérios, entre eles um devocionário que pertenceu ao Duque de Berry, e conhecido pelo nome de *Les Très Riches Heures*. Randall não considera que o “espírito efusivo da época, o interesse renovado no naturalismo e o amor gótico pelos detalhes anedóticos” (p. 97) sejam suficientes para justificar o incremento nos temas de origem literária nas bordas dos manuscritos medievais.

Ao Analisar diversos trabalhos teóricos muito importantes, principalmente pesquisas de Lílian Randall (1966), Michael Camille (1998; 2003) e Ruth Mellinkoff (2004) sobre as iluminuras das margens – aquelas que no período gótico começam a “derramar” da capitular historiada e contam histórias da vida do cotidiano, trazendo figuras híbridas e fantásticas altamente rebuscadas. Entre as imagens havia algumas representações lúdicas de cegos e deficientes físicos nas margens, muitas vezes envolvidos em trapalhadas, daí a necessidade de recorrer a estudiosos para compreender como tais figuras foram parar nas bordas de obras como os decretos gregorianos e de saltérios e livros de horas.

## **2.5 A influência das cruzadas**

Segundo Coimbra (2002), a iluminura gótica dos séculos XIII e XV reflecte os contactos das ordens religiosas por toda a Europa, patentes na Crónica Geral de Espanha (1344) e no Livro de Horas de D. Duarte (século XV), de influência francesa e flamenga.”

Durante os séculos XI, XII e XIII, foram empreendidas várias expedições militares à Terra Santa, chamadas Cruzadas, com o fim de recuperar os lugares Santos da mão dos infiéis. A arte da iluminura praticada na Europa, durante esse período, recebeu benéficas influências artísticas desse contato com o Oriente, porque os muçulmanos (especialmente os persas e os turcos) realizavam verdadeiras obras-primas de caligrafia e distinguiam-se pela beleza de suas miniaturas. Depois das Cruzadas, aparecem, mesclados nas iluminuras, elementos decorativos do Ocidente e do mundo árabe.

Outro acontecimento do século XIII que influiu de maneira notável foi a redução do tamanho do livro, de fólho para oitavo, medida que impôs muitas reduções e abreviaturas, para economia de espaço. Embora o que era reservado às iluminuras ficasse reduzido à metade, estas pinturas foram realizadas com grande delicadeza e cuidado.

## **2.6 A ilustrações depois de Gutenberg**

Depois de Gutenberg a produção de miniaturas continuou durante quase um século, depois da invenção da imprensa. Com efeito, muitos dos primeiros livros impressos apresentam espaços em branco destinados às ilustrações; os miniaturistas deveriam completar à mão a obra, acrescentando, nesses espaços, as iniciais e colocando gregas, orlas ou alguma outra decoração nas margens. O fato de que muitos desses trabalhos suplementares ficaram por fazer não deve ser atribuído a simples esquecimento; é o início da decadência da arte da iluminura e de seu inevitável desaparecimento, uma vez assegurada a vitória da imprensa.

## **3 ENCADERNAÇÃO**

A prática de encadernar livros para melhor conservá-los foi uma decorrência natural da passagem do rolo para o códice, formato documental desenvolvido e divulgado sob o Império Romano a partir do século I.

Na Idade Média, até o século XII, a arte de encadernar era exercida pelos monges dos mosteiros que, por privilégios especiais, estavam autorizados a exercê-la em todo o mundo e que preparavam suas peles e pergaminhos para este ofício (PERSUY, 1980).

### **3.1 Os suportes da escrita**

Antes de iniciarmos o estudo das estruturas das encadernações de livros é preciso conhecer os suportes utilizados para a escrita e seus principais materiais constitutivos.

Apesar do conhecimento dos suportes utilizados para a escrita, citaremos apenas os suportes flexíveis que deram origem ao livro: o papiro, o pergaminho e o papel.

#### **3.1.1 Papiro**

O papiro é uma planta aquática (*Cyperus papyrus*) existente no Egito e que cresce abundantemente nos pântanos dos vales e no delta do rio Nilo. Esta planta era empregada para fabricar diversos objetos de uso cotidiano, tais como cordas, esteiras, sandálias e velas de barcos. Seus caules fibrosos permitiam fabricar um suporte que iria revolucionar o mundo da escrita, dando à luz a “folha”. O preparo do suporte consistia em cortar do caule tiras finas, juntá-las, entrelaçando-as, sobrepondo perpendicularmente duas camadas; obtinha-se então uma superfície plana e flexível. Era então aplicada pasta de amido, levada para secar por compressão e depois essa superfície recebia um polimento. Para se obter um rolo do suporte, uniam-se cerca de vinte folhas utilizando também pasta de amido.

Para escrever, o escriba desdobrava o rolo com a mão esquerda e enrolava-o com a direita, à medida que o papiro era coberto por inscrições. Sobre este material de escrita, escrevia-se com o cálamo – feito com o material do caule de planta gramínea.

Com o império romano o papiro, que tinha limitação de uso quanto a dobras e a escrita, cedeu o lugar às folhas de pergaminho. Apesar da sua fragilidade, milhares de documentos em papiro chegaram até nós.

#### **3.1.2 Pergaminho**

Sem a invenção do pergaminho a arte das iluminuras não teria se desenvolvido. A generalização desse novo suporte vai modificar completamente a arte de escrever e a arte de ler. Admite-se que o pergaminho tenha sido inventado no século II a.C., na cidade de

Pérgamo - na Ásia Menor, ou, que aí tenha sido introduzido um novo método para limpar, esticar e raspar, o que tornou possível a utilização dos dois lados de uma folha para escrever.

Era muito mais resistente do que o papiro, pois era produzido a partir de peles de animais novos, geralmente de ovelha, cabra ou vaca. E como o fabrico do pergaminho era demorado, e o seu preço era também elevado, facilitou ainda mais a introdução do pergaminho na escrita.

A palavra pergaminho vem do grego pérgamênê, que significa pele de Pérgamo. Em geral, o pergaminho é derivado de pele de carneiro, bezerro ou cabra, mas a gazela, o antílope e também o avestruz já forneceram essa matéria-prima. Entretanto, as peles de carneiro e de bezerro levam mais vantagem por suportar a escrita nos dois lados da folha. Para fabricar o pergaminho, as peles eram mergulhadas em um banho de cal; em seguida, retirada a cal eram limpas de qualquer vestígio de pêlo e de carne. Antes de postas a secar sobre grades eram polvilhadas de gesso, que absorvia os restos de gordura, após o que eram novamente raspadas com uma espátula. O importante era que o curtimento fosse executado de maneira perfeita, sem o que o pergaminho guardasse um odor insuportável.

O pergaminho era feito na forma de folhas. Além de ser um material mais sólido e mais flexível que o papiro, o pergaminho permitia que se raspasse para apagar registros. O pergaminho reutilizado após raspagem denominava-se palimpsesto (*palim*, novo; *psesto*, raspado). E às vezes, era possível rasurar duas vezes o mesmo pergaminho. Recentemente conseguiu-se, em alguns casos, fazer reaparecer a escrita primitiva nesses palimpsestos, através da utilização de certos ácidos. Mas esses reagentes utilizados neste processo são tão fortes que acabam por destruir por completo a folha escrita.

Por fim, o aparecimento do pergaminho trouxe um avanço decisivo: de um lado, permitiu a utilização da pena de ganso, que proporcionava possibilidades infinitamente mais variadas do que o velho pincel de caniço; de outro, permitiu que as folhas pudessem ser dobradas, recebessem escrita em ambos os lados e pudessem ser costuradas. Chegava-se então, à generalização desse codex, ancestral de nossos livros, constituído de folhas sobrepostas e unidas uma às outras. Contudo, devido à sua durabilidade, o pergaminho teve grande importância como material de escrita desde a Antiguidade.

### 3.1.3 Papel

A palavra papel vem etimologicamente de papiro, que era papyrus em latim e papuros em grego. Mas o papel não é derivado apenas do papiro, mas também de outros tipos

de suporte. Desde o início da era cristã há registros de que o papel era feito de vários tipos de materiais como: trapos de tecidos de algodão, seda, cânhamo e outros tecidos que pudessem ser reciclados. A invenção do papel foi um processo desenvolvido simultaneamente por diferentes povos em diferentes regiões geográficas ao longo do tempo.

Os egípcios, em 2400 a.c, começaram por empregar como suporte de escrita medula dos caules de planta, mas os chineses foram os primeiros a fabricar o papel com roupas velhas, cascas de árvores e fios de cânhamo. Inicialmente, a produção de papel começou a partir de fibras de bambu e da seda. A invenção do papel, feito de fibras vegetais é atribuída aos chineses, tendo sido obra do ministro chinês da agricultura, *Tsai-Lun*, no ano de 123 a.c. A técnica foi mantida em segredo pelos chineses durante quase 600 anos. Nesse período, o uso do papel estendeu-se até os quatro cantos do Império Chinês, acompanhando as rotas comerciais das grandes caravanas. Os segredos da sua produção só teriam sido revelados aos árabes, no decorrer da sua expansão pelo Oriente.

### **3.2 Instrumentos da escrita: no papiro e pergaminho**

Nos primeiros tempos, utilizou-se o estilo (ou estilete) – *stilus* ou *graphium* –, que era uma haste de ferro ou mármore com ponta que servia para traçar os caracteres nas tabuletas. Era bastante usado para gravação da escrita em tábuas enceradas.

Com o tempo, passou-se a utilizar, até o século XIII, o cálamo – *calamus* – que era um pedaço de junco cortado em forma de pena com o extremo afiado ou biselado para escrever com tinta, já que o mesmo era poroso e retinha a tinta por capilaridade. A pena, geralmente de ganso ou de cisne, foi bastante utilizada até o século XIII. Esta era afilada e talhada, isto é, passava por um processo de endurecimento, para que atendesse, de forma mais adequada, à finalidade de servir como instrumento de escrita.

A punção era também um instrumento de escrita de madeira dura que era utilizado para imprimir ou gravar um traço (sem cor) sobre um suporte.

### **3.3 A importância dos scriptoriuns monásticos**

Os *scriptoriuns* eram oficinas dos mosteiros e abadias onde os copistas se dedicavam à cópia de livros, à iluminura e à encadernação de livros. Tinham importância e dimensões variáveis. Também desempenhavam a função de secretariado, pois era lá que se redigiam cartas, documentos jurídicos, correspondência, etc.

Os monásticos detiveram o monopólio do fabrico e da cópia de livros até ao século XII. A atribuição da realização de manuscritos a determinado *scriptorium* baseia-se em dados de minuciosa apreciação e comparação, relativas. Isto porque os livros manuscritos não traziam endereço da oficina.

Dentro do *scriptorium* havia divisões para as diferentes tarefas, pois cada trabalhador tinha a sua função específica na composição do códice: um preparava o pergaminho e as tintas, outro cortava o pergaminho, uns definiam os limites dos fólhos e sua justificação (margens), outros trabalhava as letras capitulares e outros tratavam da iluminura. Também havia alguns que escreviam o texto (os monges copistas). Todos os intervenientes teriam que se entender na manufatura do livro, desde pergaminheiros, copistas, iluminadores e encadernadores.

A primeira etapa do trabalho de um copista consistia em polir as folhas de pergaminho com a lâmina de uma faca ou com pedra-pomes, a fim de retirar manchas, asperezas e obter um polimento ligeiramente granulado que absorvesse a tinta sem deixar que ela se espalhasse demasiadamente.

Desde os séculos IX, toda abadia ou monastério possuía um *scritorium*, lugar onde eram copiados, decorados e encadernados os manuscritos. Podia ser, conforme a ordem religiosa, uma sala à parte, chamada calefatório - uma estufa de pequenas cédulas individuais. Nos monastérios mais pobres, ficava instalado no claustro. Embora executasse certos trabalhos em pé, cada copista dispunha de um assento e de uma escrivaninha. Se tivesse dois manuscritos à sua frente, trabalhava simultaneamente, em plano inclinado duplo. Escrevia-se com o auxílio de uma pena de ganso, talhada simetricamente e de formas diversas de acordo com a grafia desejada. Cada copista podia cobrir, em média, quatro in-folios por dia.

O *armarius*, também conhecido como *notarius*, ou ainda, como *bibliothecarius* ou *precantor*, era responsável pela ordem e funcionamento do *scriptorium*. Este funcionário estava incumbido de distribuir trabalho e coordenar todas as tarefas do processo de execução das cópias e iluminuras. Dele exigia-se dedicação, paciência e grande sabedoria. Era ele que confrontava, palavra por palavra, linha por linha o modelo e a sua cópia; era também o responsável pela correção das falhas e do preenchimento do texto, caso se percebesse as faltas cometidas por aqueles que copiavam. A ele também competia verificar se a oficina estava provida de materiais.

Por sua vez, os monges copistas, que podiam pertencer àquela comunidade monástica, ou estarem apenas de passagem exerciam a sua função de transcrição e cópia do texto, como tarefa ascética, trabalhando muitas horas com disciplina e atenção. O seu trabalho

tinha um caráter religioso, e a execução de um livro era tida como uma boa obra, pois permitia que aqueles que estavam ao serviço de Deus se edificassem pela leitura.

O trabalho de cópia ou transcrição de um texto começava por as obras originais serem primeiro ditadas a um notário que as transcrevia em placas de cera. Depois os copistas do *scriptorium* passavam-nas a limpo, em pergaminho. Este texto servia de borrão e permitia que se fizessem correções.

A execução de um manuscrito podia ser feita por um só copista ou podia resultar de um trabalho de vários copistas, no caso de necessidade de um manuscrito ser rapidamente acabado. Nesse caso os cadernos eram distribuídos por vários copistas. O tempo que demorava a cópia de um manuscrito variava conforme a rapidez dos copistas, o seu número e a qualidade final prendida. Por fim, o chefe da oficina ou outro monge experiente fazia a revisão para eliminar os erros óbvios.

Os manuscritos a copiar podiam ser emprestados a outro mosteiro ou pertencer à própria biblioteca do mosteiro. Uma organização sem falhas e uma divisão rigorosa do trabalho determinaram o nascimento dos manuscritos.

O tedioso trabalho do copista só era interrompido para as preces. A julgar pelos erros ortográficos e as disparidades de grafismos dentro de um mesmo manuscrito é possível concluir que estes eram executados a partir de textos ditados e, considerando-se as variações caligráficas, que vários copistas trabalhavam na mesma obra. Algumas vezes o trabalho do copista poderia ser executado com a colaboração de monjas, por meio do ditado. Porém desde o preparo do pergaminho à escrita, a atividade era exclusivamente masculina. Este trabalho em equipe multiplicou-se na Idade Média, paralelo à própria expansão dos mosteiros e das universidades medievais (JEAN, 2002). A cópia de manuscritos era uma importante fonte de renda para os mosteiros, pois eles também trabalhavam por encomenda de príncipes ou pessoas importantes. Nesse caso copiavam os livros e vendiam-nos a troco de produtos que precisavam, como por exemplo, de ovelhas e trigo.

### **3.4 História da encadernação**

Segundo Mello (1972), junto com a história do livro e das artes gráficas começa a da encadernação. Esta é bem anterior à invenção da imprensa. Ela surge da necessidade de protegerem-se os pesados códices de pergaminhos copiados ou escritos nos claustros medievais.

Os volumes ou rolos de papiro, como eram conhecidos na Grécia e em Roma, eram guardados e armazenados em um estojo ou ferro chamado capsas, para preservá-los do pó e dos insetos. Se o principal objetivo da encadernação é a proteção do livro, é evidente que as primeiras capas de argila deram início à sua história.

Com os códices aparecem às capas, algo semelhantes às atuais. Na Idade Média, com o desaparecimento dos volumes ou rolos e o uso exclusivo do códice, a arte da encadernação se desenvolveu amplamente.

### **3.5 Origens da encadernação: antecedentes históricos**

As verdadeiras origens da encadernação estão nos códices que tinham um formato semelhante ao dos livros atuais e que apareceram no Império Romano, aproximadamente no século I/II d.c.

Os primeiros livros eram compostos de folhas simples de pergaminho, reunidas em cadernos, costurados na dobra com nervos. Por sua vez, os cadernos eram costurados a flexíveis tiras de couro em ângulo reto com o dorso. Mais tarde, a folha tornou-se maior e era dobrada mais vezes.

Como o pergaminho tendia a ondular criou-se o hábito de prendê-las entre duas tabuletas de madeira, para poder manter as folhas planas. O passo seguinte foi prender as pontas das tiras que já prendiam os cadernos a essas tabuletas. Em seguida cobriam com couro estas tabuletas ao mesmo tempo em que cobriam o dorso, criando-se assim a lombada. Estavam dados os princípios da encadernação, tal qual a conhecemos.

### **3.6 As encadernações medievais**

As encadernações predominantes eram as de couro ou de ourivesaria, pois as de marfim eram de menor número, sendo apenas usado nas obras destinadas a ofertas ou a encomendas feitas por grandes senhores, mecenas da cultura e protetores de conventos e mosteiros. No entanto, as encadernações medievais agrupavam-se em duas grandes classes: as denominadas de ourives e as comuns. As encadernações comuns ou de uso corrente, eram feitas com placas de madeira, revestidas de pergaminho ou peles resistentes e em alguns casos, as peles não eram ornadas; as de ourives além de também serem feitas de placas de madeira, eram ornadas por meio de ferros e placas de metal fortemente prensadas com estampas de decorações variadas, feitas em marfim, prata ou ouro. Ainda se poderiam

acrescentar, numa subdivisão, as encadernações para bibliófilos, que eram encadernações de luxo revestidas de veludo, de chamalote ou couro trabalhado.

Chamamos de encadernações monásticas aquelas realizadas com pele de bezerro ou de porco, estampadas com ferro frio e produzidas nos mosteiros medievais, tanto no ocidente quanto no oriente. As encadernações para bibliófilos eram similares na técnica, às anteriores, porém, muito mais trabalhadas e com melhor acabamento. As encadernações espanholas pertencem ao tipo das de ourives devido ao uso do ouro, de origem oriental, e foram introduzidas na Europa pelos árabes através das cidades de Veneza e Florença, na Itália. Persuy (1980) afirma que, no início da era cristã, os rolos de papiro ou de pergaminho foram substituídos pelos codex. Logo se renunciou a esse processo e começaram a fabricar verdadeiros livros, feitos de folhas de pergaminho dobradas e unidas de um lado por meio de furos praticados nas margens e costuradas.

A encadernação logo passou a ter dupla função: de proteção e de embelezamento do livro. A lombada, que no início não era coberta, passa a ser coberta com couro para esconder os nervos, e as tiras de couro utilizadas foram alargando pouco a pouco até cobrir completamente as capas. Esse procedimento permitiu a decoração das lombadas e marcou o início da arte da encadernação de luxo. Esta arte só podia viver à sombra das grandes comunidades religiosas, do poder real ou de famílias que podiam suportar os encargos financeiros da cópia dos manuscritos. Os monges especialistas encarregados desse trabalho demoravam de seis meses a um ano para reproduzir um livro, incluindo a pintura e a ornamentação. As decorações mais suntuosas apareceram nos séculos XII e XIII. Recebiam capas revestidas de seda, veludo, placas de prata cinzelada decorações com pedras preciosas e mantiveram-se durante a Idade Média e a Renascença.

A partir do século XIV, as encadernações de livros religiosos eram predominantemente em estilo gótico. As pastas eram inteiramente cobertas por couro ou veludo e adornadas com motivos de animais fantásticos, anjos e cavaleiros e os seus vértices eram protegidos com cantoneiras de metal.

O uso do couro e das gravuras douradas e prateadas já era comum entre os árabes. O couro foi um material que desde cedo se impôs pela sua solidez, facilidade de trabalhar aliado a um preço razoável e a uma apresentação variada.

A encadernação de couro contava com três subdivisões: couro liso, gravado e estampado a frio. Os tipos de couro empregados eram: a vitela, o pergaminho, a carneira e o porco. Sobre as pastas podiam-se imprimir desenhos gravados com pequenos ferros, como, por exemplo, flores-de-lis; águias com uma ou duas cabeças; animais de todas as espécies,

reais ou imaginários; símbolos dos 4 evangelistas; escudos; bandeiras; inscrições e símbolos pascais. Ao longo da Idade Média, as encadernações foram sendo mais decoradas e as peles usadas começaram a ser tingidas, por influência dos muçulmanos.

No século XV a encadernação atingiu sua máxima perfeição e começou a usar o ouro para decorar o couro, que já era tingido com as cores vermelhas, azuis, amarelas e tons castanhos. O couro era também decorado por processo de estampagem e gravação com ferro aquecido, como o caso dos incunábulos. Já no século XVI aparece a gravação a ouro. Com o aparecimento do papel e da imprensa, a produção de livros passa a ser em série e resulta na alteração da estética da encadernação. Ou seja, as encadernações tornam-se mais simples, sem as grandes decorações a ouro.

#### **4 CONCLUSÃO**

Diante das pesquisas e levantamentos históricos a respeito do assunto abordado, fica claro que mudanças historicamente verificadas e atestadas na constituição e circulação social dos gêneros trouxeram – e trazem – implicações para a configuração dos respectivos suportes, cujo lugar na produção global dos sentidos através de textos é cada vez mais reconhecido. É o caso particularmente do livro como um dos principais e mais utilizados suportes da escrita.

Na história do livro, após observamos uma série de evoluções relacionadas às técnicas empregadas na produção e disseminação das informações (no que concerne aos suportes materiais, às técnicas de ilustração e decoração dos manuscritos, à prática de conservação e preservação de documentos). Um acontecimento que constitui um inegável marco na própria história da humanidade é a invenção ou o aperfeiçoamento, no Ocidente, a partir de meados do século XV, da imprensa de tipos móveis por um ourives alemão conhecido como Johannes Gutenberg.

## MANUSCRIPTS:

In support of historical records of knowledge, writing to the binding.

### ABSTRACT

The writing represents the storage of information, enabling communication across time and space. The spread is related mainly to the development of memory. Due to increasing man's concern to ensure the preservation and dissemination of knowledge across time, writing has become the driving force of transformation and changes in society. However, the importance of writing in manuscripts of its contribution comes from the interpretation of cultural knowledge, since the writing assumes the existence of the spoken language, since this is a graphical representation of the material and thought. The need to record the events came with the primitive man lived in caves, when he began recording images on the walls, for thousands of years, men have felt the need to record the information and gradually built systems of representation that have been improved to over time. Also developed to keep records of business transactions, the writing became a tool of immeasurable value to the dissemination of ideas and information. Examine your manufacturing process, showing materials and tools used and the working practices of scriptorium and medieval workshops. Describes the structure and textual imagery of manuscripts, including examples of images commonly associated with the texts, which are critical to the uneducated. In presenting this work aims to point out the sources, types and evolution of the manuscripts of the era known as medieval as well as an updated survey on the literature and types of writing in the Middle Ages.

Keywords: Writing. Memory. Book Manuscript. Preservation of knowledge. Binding.

### REFERENCIAS

BERGER, Leopoldo. **Manual Prático e Ilustrado do Encadernador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1957.

FEBVRE, Lucien; Martin, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. Trad. Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado. São Paulo: UNESP, 1992.

3º ENCONTRO Nacional [1º Internacional] de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração; Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho; 13-15 de Dezembro de 2002.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Do Manuscrito ao livro impresso investigando o suporte**. 4. Ed. São Paulo: Doutores e mestres, 2006.

REILY, Lucia Helena. **Nas Margens dos manuscritos e da vida: representações de deficientes em iluminuras medievais**. São Paulo: UNICAMP.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução de Maria Celeste Pinto. São Paulo: Círculo de Leitores, 1980.

JEAN, George. **A escrita memória dos homens**. Tradução de Lúcia da Mota Amaral: Objetiva, 2002.

JOHNSON, Arthur W. **Manual de encuadernación**. Madrid: Tursen, 1993.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita - história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 1996.

MELLO, José Barboza. **Síntese histórica do livro**. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

PERSUY, Annie. **A encadernação**. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980.